

O critério rigoroso coloca Anchieta dentro da filosofia da Companhia de Jesus e o integra a sua época

# MEM DE SÁ: O CANTO ÉPICO DE ANCHIETA

**OBRA COM 3.058 VERSOS EM LATIM PODE SER CONSIDERADA A PRIMEIRA SAGA BRASILEIRA**

**N**o Renascimento renasce o gênero épico, o qual traz no seu bojo uma tradição clássica de temas e de formas cristalizadas na Antiguidade Clássica, principalmente na romana, à maneira de Virgílio, na “Eneida”, ou de Lucano, na “Farsália”, na invocação às musas, aos deuses e no tom grandiloquente. O poeta hispânico toma como modelo os cânones clássicos para veicular os valores ideológicos das nações dominantes e os une a uma tradição ibérica, com base nas vitórias das guerras de reconquistas, enraizadas no imaginário do povo.

Em Portugal, a epopeia culta contribuiu para a história literária de sua época e das vindouras com “Os Lusíadas”, de Luis de Camões. Nessa obra o poeta imita Virgílio, intercala no poema fatos da História de Portugal e torna a criação uma grande obra nacional.

No Brasil, o Renascimento corresponde ao reinado de D. Manuel, ao de seu sucessor D. João III (1525), à dominação espanhola (soberania de Filipe II) e à pré-história das letras brasileiras, época em que surgem os textos de informação, diários de navegação e tratados da terra do Brasil e, também, em que chegam os Jesuítas ou Companhia de Jesus, com o objetivo de converter os heréticos e servir à religião. O papel deles na formação da

nacionalidade brasileira é relevante, pois prepararam e educaram os colonos para as futuras lutas contra os piratas de diferentes procedências e propiciaram o fortalecimento político e econômico da colônia.

## Anchieta

Entre os jesuítas que aqui chegaram encontra-se José de Anchieta, nascido em 19 de março de 1534, em San Cristóbal de la Laguna, na ilha de Tenerife, para quem, na manhã do dia 3 de abril deste ano (2014), o papa Francisco (ex-cardeal Jorge Mario Bergoglio) outorga-lhe santidade e dá fim ao processo de beatificação iniciado em 1726.

O designado “Apóstolo do Brasil”, aos 19 anos, em 1553, chegou à Bahia, ainda noviço, na expedição de Duarte da Costa, o segundo governador-geral, e morreu em 9 de junho de 1597, no Espírito Santo, em Reritiba, hoje Anchieta. No Brasil se ordenou, foi professor, poeta, filólogo, historiador, dramaturgo, pacificador e Superior Provincial. Sua obra em prosa e versos (autos, canções, diálogos, cartas e orações, escrita em latim, espanhol, português e/ou em tupi) é um documento histórico e representa uma produção coletiva e individual, já que revela um mundo objetivo no qual se insere e demonstra os cânones do poder político e

*Em Mem de Sá, Anchieta valoriza a natureza e a coloca participante da história, personalizando-a”*

religioso imperante.

Na obra “Gestis Mendi de Saa - Feitos de Mem de Sá”, Anchieta exalta o terceiro governador-geral do Brasil, sucessor de Duarte da Costa, que chegou ao Brasil em 1558 e aqui morreu em 1572, cujo grande feito foi a expulsão dos franceses do Brasil, em 1567. Também destaca o trabalho dos sacerdotes, “Aí os raios ardentes do sol a estiolar sem piedade, / as chuvas, as sedes, a fome a atormentar de contínuo/ esses heróis, irmãos unidos num só coração,/ ufanos do nome de companheiros de Cristo Jesus” e em um tempo perdido e irreversível recobra pela memória e transforma em poesia as guerras entre franceses,

tamoios e portugueses.

A obra Mem de Sá com 3058 versos em latim é a primeira saga brasileira, ainda que tenha sido escrita em latim, pois antecipa à obra do pernambucano Bento Teixeira Pinto, “Prosopopéia” (1601). No prólogo o poeta louva Mem de Sá por ele ter trazido a paz, construído templos e mudado feroces costumes de sangrentos rituais. Elogia a sua atitude cristã “guerreira”, nomeia-o “Justiceiro de Deus” e proclama sua feliz glória e a expulsão do “tirano infernal, das terras do sul”. (

A obra está dividida em quatro partes, ou livros. No Livro I, o poeta expõe seu objetivo de fazer um louvor a Deus e cantar seu prodígio para converter os índios ao cristianismo, mas pede a Deus entendimento para realizar seu desejo. Glorifica-o e, à semelhança de um monge poeta medieval, declara o seu ofício: o de celebrar em versos os favores do Pai Celeste para com a “gente brasílica”.

Anchieta destaca nas obras do “piedoso Mem de Sá” a conquista da terra com “trabalho esforçado”, para “ver adorado o Senhor de Céu, do mar e da terra/ e venerado nas plagas do Sul [...]”, impondo “[...] leis aos índios que vivem quais feras/ e refrear seus bárbaros costumes [...] e não permitir que movidos [...] de gula infrene bebam o sangue fraterno./ nem mais se violem os santos direitos da mãe natureza/ e as leis do Cristo. [...]” Des- ➤

## ca ao apregoar que o indivíduo em pecado não tinha nenhuma reparação

REPRODUÇÃO



O governador-geral Mem de Sá, tio de Estácio de Sá, é retratado na obra “Fundação da Cidade do Rio de Janeiro”, de autoria de Antonio Firmino Monteiro (1855-1888)

➤ creve o herói épico como cristão, com muita fé, coragem e nobreza. Exalta-lhe o caráter e destaca o seu físico: “superiores aos anos,/ ornam-lhe o rosto barbas brancas e majestosas;/ alegres as feições, sombreadas de senil gravidade,/ vivos os olhos, másculo o arcabouço do corpo,/ frescas ainda, como de moço, as forças de adulto”. Mas, com percepção jesuítica do mundo, ao mesmo tempo renascentista, e intuição marcadamente maniqueísta, de um lado vê os cristãos europeus (Mem de Sá, os portugueses) e, do outro, os idólatras e antropófagos nativos, rendidos ao jugo de tirano infernal, com vida vazia de luz divina, enganados, como “os nossos primeiros pais”, pelo “rei do inferno”. Ele apresenta a força do poder do braço português no desejo de modificar os costumes, mas mostra-se piedoso para com os índios. Desculpa as suas faltas, indica que a causa é o pecado original e a ausência do estado de graça. Mesmo sobrepondo os valores cristãos europeus aos costumes dos povos de “[...] regiões ‘brasílicas’”, há passagens em que o poeta assinala a força guerreira dos tamoios. É claro que, quando se eleva o inimigo, engrandece-se a vitória. E o poeta sabe disso muito bem. Por isso descreve os guerreiros nativos como “fera tribo” que “inúmeros danos causa por toda parte, talando as culturas em fruto/ e arbatando os homens”. Mas reprova o costume tamoio

da antropofagia: “Afastam-se altivos com a presa e fartam de sangue humano os ávidos ventres./ Eis que se ajuntam, vindos de várias paragens,/ em magotes cerrados, para arruinar para sempre/ as aldeias cristãs, ferve-lhes nas veias a raiva/ a louca paixão da guerra e o apetite da carne/ humana, batem os corações em fúrias amentes”.

No Livro III, o poeta se inclui como jesuíta e europeu, no trabalho realizado além-mar, em terras virgens: “Já nossa mente fatigada perfez longas viagens / nas eriçadas planuras do mar densas florestas da terra”. Diz-se cansado da caminhada pelos litorais “dantes jamais palmilhados” e manifesta o seu interesse de continuar cantando os feitos heróicos de Mem de Sá, mas pede a inspiração do Céu. A súplica do eu poético é uma fervorosa oração, como um salmo de Davi: “Tu, ó Jesus, [...]/ ilumina-me a mente cega, aclara-me a alma/ com esplêndidos lampejos.[...]/ Fecunda meu coração de copioso orvalho e derrama/ sobre mim fontes vitais, ondas de vida: / Inunda meu peito árido com teus rios divinos:/ Assim cantarei os prodígios que teu braço potente / há pouco operou em favor da gente brasílica.”

### Natureza

Em Mem de Sá, Anchieta valoriza a natureza e a coloca participante da história,

personalizando-a. Um exemplo é quando o herói morre: “A praia tremeu à sua queda”. Ele vê na natureza um modelo ideal de vida e, por isso, compara o homem com o animal, superando este àquele. “Proíbes aos índios as guerras? [...]/ que deixe de comer carne humana/ o bárbaro que dela gosta? [...] antes deixará o gavião, em voo audacioso librado no espaço,/ de raptar tímidas aves, e a águia real de garras aduncas/ de levantar às alturas em revoada a lebre cativa:/ do que deixarem os brasís de devorar carnes humanas.”

Às vezes, o poeta iguala os homens aos animais, quando compara uma batalha dos índios ao acasalamento das baleias nas costas brasileiras ou quando mostra a fuga dos derrotados e os compara às ovelhas perseguidas por leão faminto. Outras vezes, a natureza participa da história e se personaliza: “A praia tremeu à sua queda”. Outras vezes, ele se apropria dela para mostrar a natureza humana, comparando-as. As descrições bélicas são poeticamente convincentes: “[...] O brilho sinistro das armas/ invade o rio. Branquejam as águas da espuma dos remos,/ saem-lhe ao caminho correndo os cruéis inimigos/ em chusmas; uns arrojam da terra chuvas de setas,/ outros coalham as águas de igaras ligeiras/ e de perto esticam os fortes arcos. Voam zunindo/ de toda parte flechas [...]”

Anchieta lutava para evitar a antro-

pofagia e para impor uma nova cultura e um novo culto sagrado, fazendo do diverso o uno. Mas como a todo ideal humano acompanha um ideal de sociedade, observa-se o reflexo da filosofia de vida do homem renascentista, e, por isso, ele não vê heroicidade no herói “tamoio” Cururupeba, e o ridiculariza, engrandecendo apenas o valor dos portugueses e de Mem de Sá: “O braço valente dos cristãos lançou-te por terra/ embora grande multidão dos teus te cercasse, / [...] a alma do grande herói firmada na força divina, / não obstante o receio da maior parte do vulgo,/ resolve impor justo freio ao furor dos selvagens”. Enquanto Cururupeba, o “Sapo Espalmando”, quando os soldados portugueses o aprisionam no seu próprio esconderijo e ele luta pela liberdade, o poeta o descreve sem compaixão, apenas com rigoroso zelo de dar morte ao ímpio: “Tal o sapo escondido na cova, enchendo a pele e a bocarra, / Parece ameaçar morte cruel com a baba empestada,/ É mal do buraco o tiram com a mão, desaparecem/ Os sinais da raiva e deixa-se arrastar impotente.”

O critério rigoroso coloca Anchieta dentro da filosofia da Companhia de Jesus e o integra a sua época ao apregoar que o indivíduo em pecado não tinha nenhuma reparação, já que os homens são responsáveis pelos seus atos. Mas, sem dúvida, como humanista, exaltava as qualidades próprias da natureza humana.